atividade

Essa proposta será utilizada em nossa aula ao vivo, às 7h30, pelo link abaixo:

<https://meet.google.com/vvn-pnay-mqc>

Terminaremos a análise da crônica que foi usada na atividade avaliativa e ver as possibilidades de respostas que ela nos trazia.

Sendo assim, estejam com o texto abaixo em mãos e vamos ao trabalho.

**Um papelzinho**

Faltava-lhe um papelzinho. Pessoas experientes disseram que era um papelzinho difícil, arrancá-lo dos canais competentes demandava tempo, suor e lágrimas. Ia ter de ir lá umas quinze vezes, no mínimo. Pensou: é um exagero, isso de quinze vezes é por certo só um modo de dizer que vou ter algum trabalho.

Em todo caso, pôs-se a contar: uma, duas, três... e foi contando: quatro, cinco, seis... Treze vezes! Já então tinha apelidado o edifício onde ia de edifício Kafka.

Nunca foi lá tão esperançoso quanto nessa décima terceira vez. A funcionária praticamente garantira que o papelzinho agora saía. Sua mulher, um primor de otimismo, o encorajou muito: é hoje, hoje Deus vai te ajudar. Ele saiu com a alma escorrendo fé. Sim, seria hoje. No ônibus, nem se chateou com o aperto. Sentiu-se leve ao descer no terminal. Em minutos estava no edifício Kafka. Entrou no elevador assobiando baixinho.

Mas não teve sucesso. Deus talvez até quisesse ajudar, mas na última hora deve ter refletido e achado melhor não se meter com aqueles labirintos. Não, o papelzinho não estava pronto.

Amargou uns dias de negro desânimo. Até que decidiu, numa certa manhã, fazer algo definitivo: sim, acabemos de uma vez com isso! Chega, está decidido: vou lá, bato no balcão, dou uma hora para me trazerem esse papel, uma hora, caso contrário...

Aí vai, pois, no ônibus de sempre, o nosso candidato a aposentado pela última vez atrás de seu papelzinho. Vai reunindo raiva, esquentando os nervos, pensando. O que falar já sabe: quero esse papel dentro de uma hora, caso contrário... Só isso, não precisa de mais nada. O jeito de falar é que interessa. Não é com a vozinha e os gestos submissos de sempre que conseguirá dar o devido peso àquela ordem: tem de ficar clara, claríssima, convincente a sua disposição para cometer, se for o caso, qualquer loucura. Fogo no prédio? Metralhamento coletivo? Mergulho no espaço? Sim, impressionar a atendente de tal modo que ela corra logo a chamar o chefe, que chamará o chefe, que chamará o chefe, que chamará o chefe, que chamará o chefe... Chefes, chefes, chefes e mais chefes. Diante de todos eles, subordinados e público em geral, repetirá: quero o meu papel dentro, no máximo, de uma hora, caso contrário...

Que tal dar uma de John Wayne, entortar a boca, porradas de estremecer o prédio em cima do balcão, pá, pá, pá? Curtidor de filmes, repassa modelos enquanto vai no ônibus. A cara amarrada de Edward G. Robinson. A calma determinação de Gary Cooper. O cinismo de Humphrey Bogart não fuma mas é capaz de ir de cigarro no canto da boca só para impressionar. A sinistra expressão de Boris Karloff, Peter Cushing, Christopher Lee. O charme selvagem de Marlon Brando. A elegância de David Niven. Ou opta por um impacto mais moderno: Arnold Schwarzenegger, Mel Gibson, Steven Seagal, Bruce Willis?

Na frente do edifício, reforça a ideia: será a última vez! Transpõe a odiada porta, toma o maldito elevador, entra na abominável saleta apinhada de outros jós atrás de papeizinhos. Pensa agora: falará com a mafiosa frieza de Al Pacino ou com a dureza de Gene Hackman em *Os imperdoáveis*.

Quando a moça finalmente vai lá dentro ver em que pé está o papelzinho, ele ainda matuta: ao berrar meu terrificante ultimato, faço os olhos de Peter Lorre ou os de Jack Nicholson?

Demora, demora. Ouve depois uma voz meio braba falando lá dentro em paciência, que essa gente tem de ter paciência, poxa. Ah, mau sinal, péssimo sinal. E não dá outra: a moça vem abanando a cabeça, as mãos vazias.

E então... então um torpor invade o espírito do bom homem. Um quase abandono de si próprio. Mas ele ainda consegue ter forças para ficar indeciso entre Jeffrey Hunter e Max von Sydow no papel de Jesus Cristo.

(CARDOZO, Flávio José. **Uns papéis que voam**. São Paulo: FTD. 2003. p. 14-17)